

Um “Jubileu de Ouro”, duas comemorações

Eva L. Scheliga



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/329>

DOI: 10.4000/pontourbe.329

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 julho 2012

Refêrencia eletrónica

Eva L. Scheliga, « Um “Jubileu de Ouro”, duas comemorações », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 01 julho 2012, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/329>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Um “Jubileu de Ouro”, duas comemorações

Eva L. Scheliga

- 1 No próximo dia 11 de outubro dar-se-á início à comemoração do cinquentenário do *Concílio Vaticano II*, nome pelo qual ficou conhecido o *XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica*, convocado pelo Papa João XXIII. Mas é a outro Jubileu, também relacionado a um evento protagonizado por agentes religiosos, que minha atenção tem se voltado no presente ano: o da reunião intitulada *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*, conhecida também como *Conferência do Nordeste*, ocorrida em Recife/PE e convocada pela Confederação Evangélica do Brasil (doravante CEB).
- 2 Reputado como um marco do engajamento político de evangélicos brasileiros, a *Conferência do Nordeste* foi o quarto evento de uma série de encontros nos quais parcela dos protestantes brasileiros buscou debater a realidade local e o posicionamento das suas respectivas igrejas frente às transformações da sociedade brasileira e do contexto global. Neste sentido, acompanhar as narrativas sobre este evento permite, por exemplo, vislumbrar a tessitura nativa de um posicionamento sobre a participação de igrejas protestantes nos debates políticos em torno da consolidação da democracia, bem como no enfrentamento de “problemas sociais” (oriundos dos processos de transformação econômica e social da sociedade brasileira) e seus múltiplos efeitos. Permite, ademais, avançar na compreensão a respeito do contexto favorável à reflexão sobre os sentidos da ação social evangélica, tema que tem me ocupado de modo particular.
- 3 Recentemente tive a oportunidade de acompanhar duas atividades relacionadas ao cinquentenário da *Conferência do Nordeste*¹. A primeira delas foi realizada entre os dias 17 e 19 de maio, em Vitória/ES, sob os auspícios da Faculdade Unida de Vitória, tendo por título *Cristo e o processo revolucionário – A conferência do Nordeste 50 anos depois (1962 – 2012)*. Joaquim Beato e João Dias Araújo, conferencistas no evento de 1962², integraram o rol de participantes deste evento comemorativo. Nele também estiveram presentes: Rubem Alves, Anivaldo Padilha, Zwinglio Mota Dias, José Bittencourt Filho, Julio Zabatiere e Wanderley Rosa. A segunda atividade teve ocasião no *XIII Simpósio Nacional*

da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), ocorrido entre 29 de maio e 01 de junho últimos, em São Luís/MA, por meio da organização de uma mesa-redonda intitulada (equivocadamente) *50 Anos do Congresso Nordestino de Evangelização "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro"*³. A atividade foi coordenada por Adroaldo Almeida e contou com a participação de Paulo Donizete Siepierski e Elizete da Silva

- 4 O relato etnográfico que apresento a seguir busca condensar os principais aspectos debatidos em ambos os eventos, sem obedecer à estrita ordem cronológica das explanações (ainda que marcações temporais - e geográficas - sejam introduzidas sempre que isso for pertinente para a compreensão do texto). Mesmo admitindo que o relato assim produzido perde, eventualmente, o sabor da experiência do antropólogo em campo, por não reproduzir *pari passu* o ritmo dos eventos, espera-se poder reservar o sentido forte do termo *etnográfico* a este empreendimento textual.

- 5 Ambos os eventos seguiram o protocolo acadêmico. Logo em seguida aos cumprimentos gerais ao público, os preletores foram convidados pelo coordenador da atividade a compor as respectivas mesas. O deslocamento dos convidados até o palco, localizado na parte dianteira do auditório⁴, sempre foi acompanhado por uma salva de palmas. Após todos tomarem assento à mesa, o coordenador da atividade explicou brevemente sobre o eixo organizador da atividade: como havia surgido a ideia de organizar aquele debate, quais antecedentes justificavam tal escolha ou, ainda, qual contribuição se esperava alcançar com aquela atividade foram, em linhas gerais, as questões abordadas. Passou-se então a palavra aos convidados, não sem antes prestar-se ao público algumas informações curriculares dos preletores, enfocando dados de suas titulações e de seus vínculos institucionais⁵. No caso específico de Joaquim Beato e João Dias Araújo, informações sobre suas participações no evento de 1962 foram, por evidentes razões, sublinhadas.
- 6 De posse da palavra, cada preletor teve, em média, trinta minutos para fazer sua exposição. No encontro capixaba algumas mesas também contavam com convidados responsáveis por realizar uma "reação" às falas anteriores; após estas "reações", em geral bem mais curtas que as exposições, o público pôde efetuar comentários ou dirigir questões aos preletores. Na capital maranhense, imediatamente após a conclusão da última explanação, abriu-se o debate ao público. Em ambos os casos, muito embora cerca de uma centena de pessoas estivesse acompanhando atentamente o evento, poucas foram as que quiseram intervir.

- 7 O histórico da *Conferência do Nordeste*, em ambos os eventos, foi rememorado com poucas adições àquilo que já se encontra consolidado na literatura sobre o tema. Wanderley Rosa⁶, em apresentação da mesa formada por Joaquim Beato e João Dias de Araújo, na manhã do dia 18 de maio, e Paulo Donizete Siepierski⁷, iniciando as apresentações na tarde de 30 de maio, deram destaque ao contexto político no qual foi criado o Setor de Responsabilidade Social da CEB. Também comentaram o contexto de ocorrência de cada uma das reuniões por ele patrocinadas, ressaltando a repercussão de questões candentes da época (em especial, as discussões em torno da modernização, do

desenvolvimento e dependência econômica e da relação entre protestantismo e cultura nacional) na agenda dos encontros.

- 8 Elizete da Silva⁸, por sua vez, enfatizou em sua fala a dimensão ecumênica e progressista das iniciativas da CEB, destacando as convergências entre teólogos protestantes e cientistas sociais por ocasião dos dois últimos encontros por ela patrocinados. José Bittencourt Filho⁹, durante a conferência de abertura do evento em Vitória, na noite de 17 de maio, destacou os nexos entre as iniciativas da CEB e o movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), propondo, assim, uma certa afinidade entre estas ações.
- 9 Em linhas gerais, as apresentações destes quatro palestrantes convergiram no sentido de sublinhar a importância do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, subordinado à CEB, na consolidação de um espaço de interlocução e posicionamento de igrejas protestantes frente aos problemas sociais brasileiros. Resultante da união de três instituições (Comissão Brasileira de Cooperação, Conselho Nacional de Educação Religiosa e Federação das Igrejas Evangélicas), a CEB havia sido fundada no ano de 1932, com o objetivo de promover a cooperação evangélica nas áreas de educação, ação social, mobilização da juventude e atividades diaconais. No ano de 1955 foi constituída uma comissão, intitulada *Comissão Igreja e Sociedade*, que um ano mais tarde seria incorporada à CEB, transformando-se no Setor de Responsabilidade Social da Igreja (doravante SRSI) desta instituição, secretariada pelo sociólogo e presbítero Waldo César.
- 10 Foi já no primeiro ano de atividades do SRSI que ocorreu a primeira de uma série de reuniões sobre as relações entre a igreja protestante e a sociedade brasileira. Tendo por tema *A responsabilidade social da igreja* e apoiados em uma crítica ao individualismo e à ausência de um “sentido existencial” no interior do capitalismo, os participantes da reunião deliberaram a favor da organização de “conselhos de orientação social”, da formação de cadastros de eleitores evangélicos, da filiação de evangélicos a partidos políticos, do envolvimento de operários evangélicos com movimentos sindicais e do diálogo com setores católicos para o enfrentamento conjunto de problemas sociais.
- 11 Duas reuniões se seguiram (*A igreja e as rápidas transformações sociais do Brasil*, em 1957 e *A presença da igreja na evolução da nacionalidade*, em 1960) até acontecer em 1962, em Recife/PE, a reunião intitulada *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*. A reunião de 1957, ocorrida em Campinas/SP, teve por eixo os processos de urbanização e industrialização em território nacional; questionava-se, em linhas gerais, o surgimento de uma “ideologia desenvolvimentista” e seus impactos para a sociedade brasileira. O encontro de 1960, ocorrido em São Paulo, deu prosseguimento a estas discussões, incorporando também reflexões acerca das relações entre ação cristã e nacionalismos. Em ambas as reuniões, o binômio subdesenvolvimento e dependência foi, uma vez mais, observado desde a perspectiva da “responsabilidade cristã”; para superá-lo, seria necessário adotar medidas alinhadas ao “desenvolvimento econômico responsável”, bem como através do incentivo à formação de cooperativas de crédito, à profissionalização e ao pleno envolvimento dos trabalhadores na concepção dos processos produtivos.
- 12 A *Conferência do Nordeste*, a quarta destas reuniões, resultou, portanto, de um paulatino esforço de segmento protestante em debater a agenda política, econômica e social da época. Esta “Consulta” ganhou particular notoriedade frente aos outros quatro encontros, contudo, porque nela se defendeu com maior veemência a proposta de uma

“revolução”, nos termos em que lhe atribui o teólogo Richard Shaull. Bastante emocionados, Joaquim Beato¹⁰ e João Dias de Araújo¹¹ tiveram ocasião de apresentar ao público o alcance desta ideia naquele contexto, marcado pela Guerra Fria e pela propaganda anticomunista¹².

- 13 Resumindo suas considerações, é-se levado a concluir que se acompanhava naquele início da década de 1960, a passos largos, o acirramento das disputas entre duas potências econômicas e, como uma de suas consequências, o espraiamento de práticas imperialistas norte-americanas no contexto latino-americano. O avanço do capitalismo e a intervenção norte-americana poriam em xeque o ideal de uma sociedade justa e igualitária, bem como a autonomia da cultura nacional. Foi no bojo destas considerações sobre a realidade nacional que teria surgido a necessidade de propor uma alteração nos rumos que a sociedade brasileira, baseada em um sistema econômico capitalista e à mercê de intervenções externas, vinha tomando. Como alternativa, estes protestantes ofereciam reflexões que tomavam por base concepções cristãs de justiça, redistribuição de riquezas e respeito ao próximo. Esta seria, pois, a “revolução do Reino na Terra”, desde uma perspectiva “cristocêntrica”, como sublinhou, sob ovação, João Dias de Araújo.
- 14 O termo “revolução”, como bem destacou Elizete Silva em sua apresentação no Simpósio da ABHR, também era um termo caro a intelectuais como Florestan Fernandes, sociólogo que havia participado da reunião promovida pelo SRSI em 1960. Nos quadros de uma concepção marxista de história, Fernandes debruçava-se sobre aspectos do processo de modernização econômica e social do Brasil; ao debater com os intelectuais protestantes, incitava-lhes a reflexão sobre seu papel neste processo de transformação e superação das desigualdades sociais. A abertura ao diálogo com “especialistas” foi, justamente, outro aspecto sublinhado por alguns dos preletores, em ambos os eventos acompanhados neste trabalho de campo. O exercício de aproximação e confronto entre as perspectivas defendidas por teólogos e sociólogos, iniciado em 1960 com o convite dirigido a Florestan Fernandes, foi ampliado no encontro de 1962, que contou com os economistas Paul Singer e Celso Furtado (então Ministro do Planejamento do Governo Goulart), o sociólogo Juarez Brandão Lopes e o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre.
- 15 Outro ponto igualmente reconhecido por diversos preletores como mais uma atitude de vanguarda dos organizadores do encontro refere-se à escolha da cidade de Recife como sede do quarto encontro do SRSI. Tal escolha derivaria da escuta atenta às demandas das igrejas que não integram o eixo Rio – São Paulo, onde se concentravam, até então, as reuniões da CEB, além de representar o desejo de conhecer a realidade mais dura e profunda daquele país marcado por diferenças tão gritantes.
- 16 Já tive ocasião de discutir em minha tese¹³ o quanto a escolha de Recife como cidade que abrigaria o debate sobre as questões sociais brasileiras desde uma perspectiva “revolucionária cristã” foi profundamente simbólica. Recordo, inicialmente, que uma grande seca assolou o Nordeste brasileiro no ano de 1958; o problema da fome - tornado visível especialmente no pós-guerra, mobilizando diversas agências internacionais e organizações religiosas - ganhou naquele período fortes contornos locais. Foi efetivamente ímpar a repercussão que a estiagem prolongada ganhou na mídia, na formação de uma política de Estado (cujo resultado mais expressivo foi a constituição da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste/SUDENE, criada em 1959 no Governo Goulart pelo economista Celso Furtado) e nas instituições religiosas brasileiras.

- 17 A denúncia do fenômeno da fome ganhou voz entre bispos católicos brasileiros, que receberam de seus críticos a alcunha de “bispos nordestinos” - seja porque eram nascidos em cidades daquela região, porque nela atuavam ou ainda porque simplesmente engrossavam um discurso contra as mazelas que atingiam a região. Os “bispos nordestinos”¹⁴ promoveram, respectivamente em 1956 e 1959, encontros regionais intitulados *Encontro de Bispos do Nordeste*, nos quais debateram questões como a coordenação dos órgãos públicos na promoção de uma política para enfrentamento dos problemas locais, a elaboração de uma política econômica que propiciasse o desenvolvimento da região e caminhos para a reforma agrária e industrialização. Especificamente em relação à seca de 1958 o *Movimento de Natal* - nome pelo qual ficou conhecido o grupo liderado por Dom Eugenio Sales e apoiado por Dom Hélder Câmara, então secretário geral da CNBB - externou suas preocupações com o destino do dinheiro público, denunciando o crime de peculato e a formação de uma “indústria da seca”.
- 18 A escolha da cidade de Recife para sediar o quarto encontro protestante convocado pela CEB não foi, portanto, arbitrária. Simbolizou a inserção em um amplo debate político: de um lado, acerca dos rumos do desenvolvimento social, representando uma via alternativa ao planejamento “economicista” destituído de uma perspectiva “humanista”; de outro, sobre as competências e obrigações sociais das instituições religiosas evangélicas, contrapondo-se à hegemonia católica na produção de uma opinião pública sobre as mazelas do país e das possíveis soluções a estes problemas.

- 19 Embora não tenha sido foco dos palestrantes, pude confirmar por meio de diversos pronunciamentos que a noção de “responsabilidade social da igreja” forjada naquele contexto histórico apontava para um tipo de engajamento evangélico que necessariamente deveria ultrapassar as ações pontuais de ajuda, ou mesmo os programas de assistência então desenvolvidos. A defesa da responsabilidade social da igreja enquanto projeto político foi alvo de críticas e embates, todavia, como bem destacaram José Bittencourt Filho, Joaquim Beato, João Dias de Araújo, Anivaldo Padilha¹⁵, Zwinglio Mota Dias¹⁶ e Rubem Alves¹⁷.
- 20 De acordo com seus relatos, pode-se compreender que, muito embora se reconhecesse a importância de uma tomada de posição frente às desigualdades sociais, algumas interpretações estabeleciam uma aproximação destes religiosos com alguns ideais socialistas e comunistas. No plano das disputas teológicas de então, se isto fosse mesmo correto, abria-se margem para se deduzir, conforme a opinião comum à época, que estes protestantes estariam seguindo por um caminho equivocado: eles apoiariam o surgimento de um sistema que se, por um lado, superaria as contradições do capitalismo, por outro relegaria a um segundo plano aquilo que era tido como a principal tarefa da igreja, a evangelização. Ou, pior, que conduziria ao ateísmo.
- 21 No mesmo ano em ocorreu a *Conferência do Nordeste*, Zwinglio Dias e outros colegas foram expulsos do Seminário Presbiteriano de Campinas em virtude de seus discursos teológicos. Pouco tempo antes do Golpe de 1964, a CEB demitiu Waldo César e outros diretores engajados na promoção de discussões sobre a realidade brasileira - início de um irreversível processo de desmantelamento da organização, formalmente desativada em 1966. Neste mesmo período, João Dias de Araújo, Anivaldo Padilha, Rubem Alves,

- Zwinglio Dias e tantos outros protestantes passaram a ser perseguidos pelos militares. Muitos foram presos e torturados; alguns não sobreviveram aos porões da ditadura.
- 22 A sequência de relatos sobre os episódios de perseguição política e religiosa vivenciados por estes agentes religiosos foi, sem dúvida, muito comovente. Ouvir suas vozes embargadas e ver seus olhos marejados em virtude das lembranças dos tempos de encarceramento e exílio, ou pela saudade dos amigos e parentes desaparecidos, deixaram a plateia muda, em um silêncio absolutamente respeitoso, atitude também produzida pela perplexidade diante dos fatos por eles narrados.
- 23 Dentre eles, três episódios reiterados pelos diversos palestrantes em suas respectivas apresentações merecem particular atenção. Um deles diz respeito ao fato de que muitos dos delatores da atuação “comunista” dos religiosos eram “irmãos de fé”. João Dias de Araújo teve ocasião de lembrar, uma vez mais, o apoio da IPB à ditadura, tema de um de seus livros mais conhecidos¹⁸. Anivaldo Padilha também recordou ter sido denunciado por pastores e bispos da Igreja Metodista à qual estava subordinado. Rubem Alves só fez ampliar o leque de exemplos a respeito da repressão ao protestantismo praticado por ele e por seus colegas ali presentes.
- 24 Reproduzindo a história presente no prefácio de um de seus livros¹⁹, Rubem Alves contou à plateia atenta, por exemplo, que acabava de cumprir seus compromissos acadêmicos em Nova York quando, a um mês de regressar ao Brasil, sob os ombros de um passageiro do metrô, leu a manchete: “*Revolution in Brazil*”, datando 01/04/1964. Decidiu retornar ao país, mesmo assim. Quando chegou, descobriu ter sido denunciado ao Supremo Concílio da IPB. Meses depois, pesariam contra ele outras denúncias, desta vez investigadas pelos militares; dentre os documentos que compunham o dossiê que originou as denúncias, havia um, assinado pela direção do seminário teológico no qual lecionava (seminário este que, por ironia, funcionava em terras que outrora haviam pertencido a seu bisavô).
- 25 Outro episódio, descrito por Bittencourt Filho e rememorado por outros palestrantes, foi o que envolveu um militar, dono da gráfica responsável pela impressão dos documentos relativos às reuniões promovidas pelo SRSI. Supostamente por recear que seus superiores descobrissem sua relação comercial com os protestantes, o militar teria se antecipado à busca e apreensão do material “subversivo” na sede da CEB – o que resultou na inestimável perda de boa parte do acervo da instituição. Posteriormente, quando questionado sobre a ação, defendeu-se alegando que a invasão à sede da CEB tinha sido realizada sem violência, pois não portava arma naquela ocasião.
- 26 O terceiro e último episódio reproduzido por diversos palestrantes do encontro em Vitória (e também comentado pelos palestrantes no evento em São Luís) diz respeito às atitudes de um Capelão do Exército²⁰ que, às noites, torturava indiscriminadamente os presos; à luz do dia, visitava as celas e distribuía bíblias aos protestantes, para que estes levassem a Palavra aos “comunistas”. Questionado sobre a alternância entre as práticas de tortura e evangelização, o pastor teria declarado, enquanto apontava para a arma que portava sob o paletó: “Para os que desejam se converter, eu tenho a palavra de Deus. Para quem não quiser, há outras alternativas.”.
- 27 Os “testemunhos” acerca das dores físicas e, sobretudo, emocionais destes protestantes se tornam particularmente audíveis por estarmos hoje, por coincidência temporal, acompanhando o início dos trabalhos da Comissão da Verdade. Mas, para além de revisitar o passado, lançando luz sobre episódios talvez ainda pouco destacados na literatura acadêmica sobre o protestantismo brasileiro, arriscaria dizer que o evento de

Vitória foi, antes de mais, uma celebração à vida e ao desejo de viver. Com a saúde dando alguns sinais de fraqueza, Rubem Alves, por exemplo, levou o público às gargalhadas com suas considerações sobre o verdadeiro fruto proibido – seriam os caquis, disse Alves, muito mais suculentos e voluptuosos que a maçã; logo em seguida, emudeceu o auditório, afirmando desejar não morrer.

- 28 A sessão de autógrafos da nova edição da tese de doutorado de Rubem Alves, também acompanhada de autógrafos à edição mais recente do livro supracitado de João Dias de Araújo, durante o evento *Cristo e o processo revolucionário – A conferência do Nordeste 50 anos depois (1962 – 2012)*, foi apenas um dentre os muitos momentos nos quais ficou evidenciada a vitalidade de seus autores e de seus colegas de geração. Hoje na casa dos setenta e oitenta anos de idade, muitos dos protagonistas deste protestantismo envolvido com o debate acerca da realidade brasileira mantêm-se bastante ativos, lecionando em seminários teológicos e universidades, assessorando organizações não governamentais e publicando novos livros. Comemoram no ano de 2012 um jubileu em seu sentido mais profundo: um tempo de festa, de liberdade e de perdão.
- 29 Diante destes senhores, bem como das novas políticas de abertura de arquivos da ditadura, não é difícil supor que no centenário da *Conferência do Nordeste* pesquisadores terão à disposição um conjunto mais heterogêneo e numericamente expressivo de documentos e relatos sobre os quais se debruçar a fim de entender as relações entre religião e esfera pública no Brasil contemporâneo.

NOTAS

1. O trabalho de campo integrou o plano de atividades da pesquisa por mim realizada no âmbito do Projeto Jovem Pesquisador *Alteridade e mediação: processos de construção do “outro” em universos católicos e protestantes no Brasil e na África*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Melvina Araújo. O projeto é abrigado pelo Cebrap e financiado pela Fapesp (processo 2008/10758-0).

2. Ambos foram responsáveis por reflexões teológicas. O primeiro propôs um estudo bíblico intitulado “Os profetas em épocas de transformações políticas e sociais”, tendo por referência o Antigo Testamento. O segundo, com base no Novo Testamento, abordou o tema “A revolução do Reino de Deus”.

3. *Conferência do Nordeste* e *Congresso Nordestino de Evangelização* nomeiam dois eventos distintos, ainda que tenham em comum o fato de terem sido protagonizados por protestantes. Este último ocorreu em 1988, em meio às duas edições do Congresso Brasileiro de Evangelização (ocorridos, respectivamente, em 1983 e 2003), iniciativa alinhada ao movimento evangelicalista (e, portanto, em consonância com os debates ocorridos em Lausanne, durante o *Congresso de Evangelização Mundial*, em 1974, e com os *Congressos Latino Americanos de Evangelização – CLADE’s*). A Conferência do Nordeste não apenas antecedeu temporalmente o Congresso Nordestino, como dele se diferencia também em termos de perspectiva teológica, haja vista ter sido uma iniciativa da Confederação Evangélica do Brasil, constituída em diálogo com o Conselho Mundial de Igrejas, organismo classificado como propagador do movimento ecumênico. Os integrantes da mesa-redonda fizeram questão de observar o lapsus na grafia do título dado à mesa.

4. O evento em Vitória ocorreu no Salão de eventos do Clube de natação e regatas Álvares Cabral. Já a mesa-redonda, em São Luís, ocorreu no auditório da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão.

5. A fim de garantir maior fluência ao texto, apresentarei as informações acadêmicas dos participantes destes dois eventos etnografados em nota de rodapé. Trata-se, portanto, de uma opção meramente estilística. Observo também que as informações acadêmicas prestadas nos respectivos eventos foram por mim verificadas através de consulta à Plataforma Lattes, dentre outros sítios eletrônicos. A checagem destas informações me levou a identificar outros dados acadêmicos e profissionais relevantes para situar estes agentes e a constatar que muitos deles não foram mencionados nas respectivas apresentações dos preletores; neste caso, as informações que julgo relevantes para a compreensão de quem são os agentes observados neste trabalho de campo foram adicionadas às notas.

6. Graduado em Filosofia e em Teologia, mestre e doutorando em Teologia, Rosa é diretor-geral da Faculdade Unida de Vitória. Dedicou-se ao estudo da teologia na América Latina.

7. Doutor em História e professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Observo que Siepierski é graduado em História e em Teologia; obteve o título de doutor em História da igreja junto ao *Southern Baptist Theological Seminary*, em 1989 e, entre 1996 e 1997, realizou pós-doutorado na *Notre Dame University*. Desde 1991 é professor no Departamento de História da UFRPE. Desenvolve análises com foco na ação de grupos católicos em suas relações com grupos religiosos no Recife na primeira metade do século XX.

Também destaco que o pesquisador se debruçou, em alguns de seus artigos, sobre as relações de Gilberto Freyre – preletor da *Conferência do Nordeste* – e o protestantismo. Freyre recebeu uma educação protestante nos bancos do Colégio Americano Batista, em Recife e, aos dezessete anos, batizou-se nas águas na Primeira Igreja Batista do Recife; o período vivido no Texas, onde Freyre cursou o bacharelado em Artes pela Universidade Baylor, de orientação batista, também foi marcado pela sua participação em inúmeras atividades associadas ao protestantismo, condizente com sua então intenção de atuar como missionário. A mudança para Nova York, onde Freyre realizou seu mestrado, de alguma forma coincidiu com o abandono dos planos de trabalhar como missionário e com o início do desenvolvimento de críticas ao protestantismo, as quais marcam, também, sua obra sociológica.

8. Doutora em História e professora da Universidade Estadual de Feira de Santana. Sublinho que Elizete da Silva tem formação acadêmica plena em História (ela é graduada, mestre e doutora nesta área de conhecimento). Foi, por vinte e oito anos, professora da Universidade Federal da Bahia e desde 2007 integra o corpo docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Feira de Santana. Tem se dedicado ao estudo da presença e expansão do protestantismo (notadamente presbiterianos e batistas) na Bahia.

9. Graduado em Filosofia e em Teologia, Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Ciências Sociais; foi professor da Faculdade Unida de Vitória e atualmente leciona (como professor substituto) na UnB. Sublinho que Bittencourt Filho obteve o título de Mestre em Ciências da Religião junto à Universidade Metodista de São Paulo, em 1988, defendendo uma dissertação sobre o ISAL (“Por uma eclesiologia militante: ISAL como nascedouro da nova eclesiologia na América Latina”), sob orientação de Antonio Gouvêa de Mendonça. Na PUC/SP efetuou seu doutorado em Ciências Sociais, sob orientação de Beatriz Muniz de Souza, obtendo o título em 2001. Por cerca de dez anos assessorou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e, por igual período, o Koinonia - Presença Ecumênica e Serviço.

10. Teólogo, o Rev. Joaquim Beato, da Igreja Presbiteriana Unida (IPU), é professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo. Também lecionou na Faculdade Unida e em outras instituições capixabas. Observo que Beato ocupou diversos cargos públicos: foi secretário estadual de Bem-Estar Social e de Educação e Cultura do governo Max Mauro, e secretário de Cultura e Esporte e de Cidadania de Vitória na gestão de Paulo Hartung; também assumiu a

presidência do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic), no início dos anos 2000. Atualmente mantém atividades letivas regulares no Centro de formação teológica Richard Shaull, vinculado ao Presbitério de Vitória. Não possui currículo disponível para consulta na Plataforma Lattes.

11. Teólogo, foi professor em diversos seminários teológicos, dentre eles o Seminário Presbiteriano do Norte (Recife/PE). Destaco que o Rev. João Dias de Araújo graduou-se em Teologia no ano de 1952; mais tarde, ingressou na Universidade Federal de Pernambuco, onde concluiu o bacharelado em Filosofia em 1965. No ano seguinte, deu início a seu Mestrado em Teologia no Seminário Presbiteriano de Princeton e, sob orientação de Rubem Alves, defendeu em 1967 uma dissertação sobre a teologia calvinista. Neste mesmo ano, já de volta a Recife, retomou o curso de Filosofia e concluiu a Licenciatura. Entre 1971 e 1975 cursou o bacharelado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco, instituição que lhe abrigou como professor de Teologia entre 1976 e 1982. O teólogo da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (a IPU foi criada em 1978 como Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas/FENIP), desenvolveu grande parte de suas atividades ministeriais junto a Igreja Presbiteriana de Feira de Santana. Desde 1982 é colaborador da Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra. É de sua autoria o hino “Que estou fazendo se sou cristão?”, escrito em 1967 e musicado por Décio E. Lauretti em 1974, o qual foi adotado como hino oficial da IPU.

12. Interessante notar que os relatos ativeram-se mais ao contexto mundial, sem tratar especificamente da propaganda anticomunista no caso brasileiro. Contudo, parece-me importante não perder de vista os reflexos desta campanha em território nacional, lembrando, por exemplo, que a renúncia de Jânio Quadros gerou uma instabilidade política ímpar, pois diversos ministros militares prontamente se opuseram à posse de João Goulart em virtude de seus vínculos com o Partido Comunista Brasileiro e o Partido Socialista Brasileiro. Goulart assumiu a presidência somente após o Congresso propor a adoção do parlamentarismo como regime de governo, limitando a atuação presidencial e contendo o “perigo vermelho”. Menos de um ano depois, Goulart reintroduziria, na prática, o regime presidencialista, referendado em plebiscito de 1963. Neste mesmo ano, batistas, liderados pelo pastor Enéas Tognini, permaneceram um dia em jejum e oração, clamando por “um Brasil livre do comunismo”. Logo após o Golpe Militar, Tognini voltou a conchamar os fiéis para novo dia de jejum e oração, agora em agradecimento ao afastamento do “perigo comunista”. Às vésperas do Golpe, no dia dedicado ao padroeiro da família, São José, também recordei que ocorreu a *Marcha da família com Deus, pela liberdade*, em São Paulo, mobilizando setores conservadores da Igreja Católica também contrários aos “comunistas”.

13. SCHELIGA, Eva Lenita. *Educando sentidos, orientando uma práxis – etnografia das práticas de assistência entre evangélicos brasileiros*. Tese de Doutorado em Ciência Social (Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. 326 p.

14. Dom Avelar Brandão Villela, Dom Carlos Carmello, Dom Eugenio Araújo Sales, Dom Fernando Gomes dos Santos, Dom Hélder Câmara, Dom Jaime de Barros Câmara, Dom José Delgado, Dom José Vicente Távora e Dom Portocarrero Costa.

15. Anivaldo Padilha é cientista social, membro da Igreja Metodista, da Diretoria do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI - Região Brasil) e da Junta Diretiva do *Church World Service*, dos Estados Unidos. Sublinho que Padilha foi assessor do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e fundador, em 1994, da Koinonia - Presença Ecumênica e Serviço, organização à qual permanece filiado. Também integra o conselho editorial do projeto editorial *Novos Diálogos*, sendo articulista da revista eletrônica de nome análogo. Militante da Ação Popular, Padilha foi preso e torturado durante a ditadura. Conheceu seu primogênito, o médico infectologista e atual Ministro da Saúde Alexandre Padilha, apenas quando pôde regressar do exílio. No último dia 22 de maio teve aprovada, por unanimidade, a condição de anistiado político.

16. Teólogo, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Saliento que o Rev. Zwinglio Mota Dias, pastor da Igreja Presbiteriana Unida, graduou-se em Teologia em 1963. Mais de dez anos depois, iniciou seu doutorado em Teologia junto a Universidade de Hamburgo, obtendo o título em 1978. Sua carreira docente iniciou-se no Seminário Teológico da Igreja Metodista no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1981. Nos oito anos seguintes trabalhou, em regime de tempo parcial, no Departamento de Ciência da Religião da UFJF. De 1984 a 1992 coordenou o grupo consultivo do Programa de Missão Rural e Urbana do Conselho Mundial de Igrejas. Foi professor-visitante no *McCormick Theological Seminary* (Chicago, 1993) e do *Emmanuel College* da *Victory University* (Toronto, 1995). Passou a integrar o quadro efetivo do Departamento de Ciência da Religião da UFJF em 1998, onde ainda atua como docente (como se aposentou em 2010, mantém atividades como professor convidado). Ocupou a secretaria executiva do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), lá permanecendo até 1994; atualmente integra a Koinonia - Presença Ecumênica e Serviço e, dentre suas atividades junto a esta organização, destaca-se a edição da revista *Tempo e Presença*. Recordo que Dias acumula experiências editoriais, pois dirigiu a publicação *Carta Latino-Americana* e colaborou com a revista *Cristianismo y Sociedad*, ambas publicações vinculadas ao ISAL.

17. Graduado e Mestre em Teologia, Doutor em Filosofia, Rubem Alves também se formou psicanalista e é autor de uma vasta obra que inclui títulos em Filosofia da religião, Filosofia da Educação e Teologia, além de crônicas e literatura voltada ao público infanto-juvenil. Foi professor de seminários presbiterianos e da Universidade Estadual de Campinas. Destaco que Alves graduou-se no Seminário Presbiteriano de Campinas e, depois de formado, mudou-se para o interior de Minas Gerais, onde atuou como pastor e docente do Instituto Presbiteriano Gammon, lá permanecendo até 1963, ano em que iniciou seu Mestrado junto ao *Union Theological Seminary*, em Nova York. Perseguido pelo regime militar mudou-se com a família para os Estados Unidos. Obteve o título de doutor pelo Seminário Teológico de Princeton. Rubem Alves foi um dos principais articuladores do ISAL.

18. O livro *A Inquisição Sem Fogueiras: vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil (1954-1974)* foi editado pelo ISER em 1975. O livro ganhou reedição pelo ISER em 1982 e pela Fonte Editorial em 2010.

19. Trata-se do prefácio à tese publicada em livro. Intitulada *Towards a Theology of Liberation*, a tese de Alves foi publicada, em inglês, no ano de 1969 pela editora católica Corpus Books. Ganhou primeira versão em português no ano de 1987, sob o título *Da Esperança*, pela editora Papirus, sendo relançada pela Fonte Editorial, agora sob o título *Por uma teologia da libertação*, em 2012.

20. Trata-se do pastor batista Roberto Pontuschka.

AUTOR

EVA L. SCHELIGA

Pós-doutoranda, Universidade Federal de São Paulo
Pesquisadora, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
evascheliga@yahoo.com.br